

23-02-2021

**AS MARRETADAS DO
PADRE JÚLIO LANCELLOTTI
CONTRA AS PEDRAS
PLANTADAS PELO
“ESTADO DE MAL-ESTAR SOCIAL”**

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Já era sabido, em 2019, que a ‘população em situação de rua’ na cidade de São Paulo seria em torno de 25 mil pessoas.

Mais tarde, com o aprofundamento da crise econômica, social e política, com a pandemia da Covid-19, e com as políticas do “higienismo” (também pode ser lido como “eugenismo”) implantadas pelo “estado de mal-estar-social”, na esfera municipal, estadual e federal, estimava-se serem muito mais de 25 mil: talvez o dobro, ou bem mais, número em acelerado crescimento e preocupante pauperização.

Porém, o que não se sabia - às claras - é que, aqui em São Paulo, a gestão PSDB-MDB, recém (re)entronizada, mandara colocar blocos de pedras pontiagudas embaixo de viadutos da Zona Leste, para desalojar e expulsar moradores em situação de rua, ou pior, em situação de pontes e viadutos...

Por ironia, um destes viadutos na Av. Radial Leste denomina-se Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), justamente um dos mais ilustres líderes do episcopado católico brasileiro e defensor dos direitos humanos e da priorização dos pobres e miseráveis. Aliás, na longa trajetória, foi Bispo na Diocese do bairro do Belém, na Zona Leste da capital paulistana, a cerca de 200m de um dos locais recentemente atacados pela Prefeitura de São Paulo. As imagens são desoladoras por sua crueldade sem limites. A expulsão violenta desta população é tão somente uma das múltiplas faces do atual “estado de mal-estar social” no Brasil (contraposto ao “estado de bem-estar social”), termo atribuído ao sociólogo Francisco (Chico) de Oliveira (1933-2019). Este termo foi utilizado pelo Prof. Luís David Castiel (entre outros), já em 1990, e, recentemente, está no título de excelente obra coletiva organizada pelos Profs. José Ricardo Caetano Costa, Marco Aurélio Serau Jr e Hector Cury Soares, intitulada *O “Estado de Mal-Estar Social” Brasileiro* (IEPREV, 2020). No entanto, houve alguém que fez o que muitos de nós gostaríamos de ter feito: foi lá, embaixo de um dos viadutos da Zona Leste, e com uma grande marreta atacou e destruiu alguns daqueles blocos que haviam sido ‘plantados’ pelas autoridades municipais.

Este ato emblemático forte, movido por profunda indignação, foi perpetrado pelo Padre Júlio Lancellotti, 72 anos, conhecido pároco na Moóca paulistana, ícone da luta em defesa dos mais vulneráveis. Potente voz em defesa dos direitos humanos, tem sido, por conseguinte, atacado pela direita conservadora, que lhe reserva elevadas doses de ódio e difamação.

“É duro, eu sou velho. Mas eu acho que consegui tirar umas quatro pedras”, escreveu o Padre Júlio em sua conta no Twitter, a qual, em menos de 24 horas, havia recebido mais de 200 mil curtidas e 44 mil compartilhamentos. “O que causa muito impacto - disse ele - é a forma como está aquilo. Parece um campo de concentração nazista”, prosseguiu. “É higienismo mesmo”, completou.

.....

O emblemático gesto de Júlio Lancellotti mobilizou a mídia e os movimentos sociais, e rapidamente as autoridades municipais alegaram desconhecer quem ordenara tal ataque, e (como sói acontecer) acharam um ‘bode expiatório’, insignificante na hierarquia de poder, para ser exemplarmente demitido. Pergunto: ademais deste escândalo embaixo das pontes e viadutos de São Paulo, quantos outros ataques estão sendo perpetrados, à luz do dia, contra o povo brasileiro, na forma de emendas (in)constitucionais; medidas provisórias (e definitivas); projetos de lei; decretos; normas; portarias e outros meios? Pois bem: o livro *O “Estado de Mal-Estar Social” Brasileiro*, antes mencionado, traz muitos exemplos retirados do grande ‘saco de maldades’ da lógica neoliberal e da desconstrução da democracia no Brasil. Entre eles, o discurso neoliberal de ódio; ataques à democracia no Brasil; destruição de direitos sociais; ataques aos direitos trabalhistas; destruição de direitos previdenciários; ataques ao meio ambiente (e ao ambiente inteiro); ataques aos povos originários; expressões da ‘necropolítica’ (Achille Mbembe) na pandemia; o genocídio negro, e outras expressões do “Estado malfeitor”, principalmente de 2016 a esta parte.

Vale a pena conferir, com o perdão pelo uso da palavra *Vale...* Olhando para o exemplo da indignação do Padre Júlio Lancellotti, que detonou blocos de pedras e marretadas, vem-me a inquietude sobre como vamos enfrentar blocos gigantescos, colocados pelo “Estado malfeitor” justamente onde poderiam os mais vulneráveis se abrigar das intempéries, não por escolha própria, mas por terem sido despojados de seus direitos à dignidade, à vida, ao trabalho, à moradia, e, até, a uma morte decente? As letras com que se escreve *pedras* são as mesmas com que se escreve *perdas*.

Poucos de nós temos força física, saúde e habilidade para manejar marretas pesadas, tal como o fez nosso companheiro Padre Júlio Lancellotti, do alto de seus 72 anos.

Mas temos outras ferramentas mais leves e potentes para enfrentar e quicá detonar grandes *pedras* e tentar recuperar grandes *perdas*! No passado, diríamos que temos a *pena*. Hoje, nem pena mais temos....

Será que a força das ideias e da articulação política competente poderia ser suficientemente poderosa para, inspirados pelo gesto corajoso do Padre Júlio, tentarmos detonar os alicerces ideológicos e políticos deste “estado de mal-estar social” brasileiro, para, em seu lugar, reassentar os expulsos e lhes devolver a plenitude de seus direitos de cidadania e dignidade?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.